Uma arte para o encanto-espanto

An Art for the Enchantment-Ashtonishment

Un arte para encantar-asombrar

Karina Leitão
Universidade de São Paulo, Brasil

RESUMO

Este artigo parte da análise da série fotográfica da artista visual Uýra Sodoma, intitulada *Mil (quase) mortos*, e faz referência a outras performances que compõem sua obra. Escrito por uma professora paraense de arquitetura e urbanismo, sediada hoje na Paulicéia, teve o propósito científico, legítimo, de homenagear a artista conterrânea que a tem ajudado, sem saber, a aludir à vida na Região Amazônica, tendo como suporte a proposta crítico-estético-política de Uýra, que apresenta o tema da duração da vida na região de forma inédita, ampla, disruptiva. Trata das condições de vida nas cidades da região debatendo a ecologia nas cidades e florestas do norte do Brasil

Palavras-chave: Amazônia, fotografia, ecologia

ABSTRACT
This article stems from the analysis of the photographic series by visual artist Uýra Sodoma, titled *Mil (quase) mortos (A Thousand [Almost] Dead)* and references other performances that make up her body of work. Written by a professor of architecture and urbanism from Pará, now based in São Paulo, it has the scientific and legitimate purpose of paying homage to the artist from her home state, who has unknowingly helped her allude to life in the Amazon region, drawing upon Uýra's critical-aesthetic-political proposal. Uýra presents the theme of life's duration in the region in an unprecedented, broad, and disruptive manner. The article addresses living conditions in cities in the region, discussing ecology in the cities and forests of northern Brazil.

Keywords: Amazonia, photography, ecology

RESUMEN
Este artículo parte del análisis de la serie fotográfica de la artista visual Uýra Sodoma, titulada *Mil (casi) muertos* y hace referencia a otras performances que componen su obra. Escrito por una profesora de arquitectura y urbanismo de Pará, actualmente radicada en São Paulo, tiene el propósito científico y legítimo de homenajear a la artista de su tierra natal, quien, sin saberlo, le ha ayudado a aludir a la vida en la región amazónica, basándose en la propuesta crítico-estética-política de Uýra. Uýra presenta el tema de la duración de la vida en la región de una manera inédita, amplia y disruptiva. El artículo aborda las condiciones de vida en las ciudades de la región, debatiendo la ecología en las ciudades y bosques del norte de Brasil.

Palabras clave: Amazonia, fotografía, ecología

Karina Leitão é Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará - UFPA (1999), mestrado pelo Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo - PROLAM-USP (2004) e doutorado em Planejamento Urbano e Regional pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP (2009). Desde 2002, é pesquisadora do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos da FAUUSP, que coordenou entre janeiro de 2016 e março de 2020.
https://orcid.org/0000-0002-5581-5704 | kaoleitao@gmail.com

O voo que vira arte

Eu já andava falando dessa mana por aí, em todo canto dava um jeito de fazer referência a ela, em meio à aula, palestra, banca, por isso devo ter sido convidada para escrever sobre sua obra nesse aqui-agora. Uýra me dobrou os joelhos desde que vi seu ensaio intitulado *Mil (quase) mortos* (2018). Por muitos motivos: nunca vi nada parecido com aquela proposta estética, nem antes, nem depois da sua divulgação. Aquelas imagens me arrebatam ainda hoje, os resíduos que encobrem os igarapés não conseguem esconder a Manaus que me fascina. Vejo nessa obra a minha gente, o imaginário amazônico e a beleza da encantaria que habita qualquer pessoa que, como ela, como eu, foi criada em meio àquela cultura e se fez urbana nas metrópoles da região, que, diga-se ao mundo, não é só floresta: tem gente, muita gente; tem mato, muito mato; tem rio, rios cujas margens não alcançam a visão; tem cultura; história; tem bicho, bicho que voa, como quer dizer o nome Uýra.

Essa figura híbrida, múltipla, sensível faz arte, fez ciência, se é que não continue a fazê-la, e sobretudo, educa, entorpecendo os olhos de quem se funde com ela em suas performances, ensinando através da síntese entre a cidade, o urbano, a denúncia ambiental, comovendo com a beleza do seu corpo maquiado, da cidade desnuda, da mata que lhe é habitual.

Enquanto eu estou aqui escrevendo, em uma mesa de onde vejo o Jaraguá, penso na ocupação guarani que resiste naquele pico aqui na Paulicéia, no nome da rua aos meus pés, e tento acionar o que tem de nativo nessa megalópole, na Uýra, em mim, e meu pensamento vai até a Amazônia que ela habita, ao seu bairro, consolidado em madeira, bloco, sobre água e aterro. Me incomoda pensar que escrevo na comodidade de uma cadeira, enquanto ela deve estar em trânsito, a imagino sempre em deslocamentos, sinuosos como seu corpo, carregando nos ombros toda parafernália necessária para ela fazer a arte-educação a que se propõe: maquiagem, tintas, pincéis, roupas, cipós, folhas usadas nas performances, oficinas, ensaios. Penso que além daquela artista deslumbrante, bióloga, mestre, Uýra

é também professora. Quero crer que ela entenderá o lugar de onde falo, e sei que ela saberá dos limites do que falo. Por isso, esse texto não é uma análise de sua obra, é quase uma confissão laudatória, que espero alcance gente que, como eu, se comove diante da estética que expressa a totalidade ecológica, ética, política da vida, nada menos do que isso[1].

1 Para maiores informações sobre a obra e vida de Uýra Sodoma, veja editorial disponível em https://select.art.br/uyra-sodoma-a-cobra-das-aguas-amazonicas-diante-da-degradacao-ambiental, acessado em 4/8/2024.

- Então, peço licença, para ti, Uýra, para falar desse lugar, como a paraense da outra banda do teu estado, que se comove e quer te ver metamorfosear entre o caos, a Boiúna, a Matinta Perera, a indígena cariri, a cobra, as ervas, as águas e as multiespécies que recrias com o teu corpo, a tua vida em obra.

Uma linguagem estética contra obviedades regionais

Ao assumir a consciência e as multiformas de Uýra, a artista parece ter criado uma linguagem para tratar da duração da vida de forma ampla, integral, integrada. Não sendo eu historiadora da arte, vou me arriscar a referir à sua obra nos termos do ineditismo que vejo na forma como ela performa e se manifesta, fazendo uma exposição de seu corpo metamorfoseado com a precisão de uma *make-up artist*, a irreverência de uma artista, a presença instintiva de um bicho seguro em seu habitat, a contundência de uma poetisa visual, a generosidade de uma educadora. Uýra fala desde Manaus, inserindo a cidade em um circuito artístico dominado por outras capitais brasileiras, ainda que pareça se importar mais com a formação de olhares de ribeirinhos e jovens em comunidades populares, do que com a inserção da sua arte no mercado de galerias do *mainstream*.

O ensaio sobre os igarapés quase mortos de Manaus parece ter nascido de um inconformismo com o descaso pela conservação da vida, da cultura e a violação de direitos nas cidades na Amazônia. O contraste na exposição da paisagem daquela cidade (quase) dominada por resíduos nos encanta-espanta em cenas cuja montagem do figurino se confunde com a paleta de cores dos dejetos e a gente fica em busca dos vestígios da água. Vê-se transeuntes ao seu redor,

muitos com a mesma fenotipia escondida pela maquiagem de Uýra, estupefatos com a ousadia, a coragem, a naturalização do acinte cometido pelo Estado, que consente um acúmulo sólido daquela proporção, nos corpos hídricos daquela metrópole que é feita de água, muita água.

Eu poderia aqui relacionar a obra desta conterrânea aludindo simplesmente aos absurdamente baixos índices de coleta de esgoto em Manaus, que assim como naquela em que nasci, Belém, me revoltam[2]. Como é possível que o nosso pacto social seja tão conivente com a manutenção de um atendimento tão insuficiente das redes de saneamento básico nas cidades amazônicas? O descaso materializado nos números justo se dá em uma região que se paradoxalmente se propala como de interesse ambiental global? O saneamento é tratado com o mesmo cinismo que se vê nos índices permissivos com o desmatamento florestal, que redunda em queimadas que só parecem incomodar a mídia-empresa quando a fumaça amazônica atinge outras regiões do país.

2 As capitais de estados do norte do Brasil detêm os piores índices de saneamento básico do país. Manaus tem menos de 20% do esgoto coletado, Belém, por exemplo, menos de 15% (segundo o Ranking do Saneamento, do Instituto Trata Brasil, divulgado em 2024).

Não quero falar apenas da precariedade dessas redes, nem do Estado que não garante o acesso a direitos na região. Seria reducionista aludir à sua obra como apenas uma denúncia, porque Uýra nos fala sobretudo da potência regional, reinterpretando a realidade como quem consegue transpor para imagens o que é impronunciável. Ela parece se inspirar nas mirações que organizam a cosmovisão da sua diáspora indígena, e assim, nos aproximar do mistério na sua essência, apresentando o que é indizível, filosofando através de imagens que transcendem os limites das linguagens usualmente acionadas para falar da sua região. Para uma amazônida, como eu, confesso, os ensaios de Uýra parecem dizer não só da (quase) morte, mas (quase) tudo sobre a vida na nossa região.

Nas suas séries fotográficas, Uýra faz uso de pontos de vista que transgridem o olhar sobrepujante (Didi-Huberman, 2015) para a Amazônia, exposta em imagens vistas de cima até a náusea, para aqueles que só se interessam por um olhar distanciado sobre a floresta. Para ver Uýra na fotografia, fica sempre um convite para

se debruçar com os olhos sobre seu corpo e desnudar através dele a cena, a cidade, a mata, a paisagem. Assim, ela faz alusão a um imaginário para o qual faltam palavras e nos convida a contemplar o silêncio materializado nas suas montagens. A proposta visual desse, e de outros ensaios, tem sua participação na concepção e contrasta com a forma idealizada de apresentar o meio urbano e o natural de Manaus, tão vendido para o turista que o Estado-mercado regional quer atrair. A cidade construída pelo homem, ou a floresta também sabidamente cultivada por povos nativos, são fundidos a seu corpo nas imagens que ela nos presenteia, em uma forma de se referir à vida de maneira ampla e falar daquilo que é perecível, da impermanência, reivindicando o igarapé, a fauna, a flora, a cultura, a liberdade de gênero, a emancipação de uma população pretíndigena, periférica.

Ao fim e ao cabo, Uýra nos provoca contra o senso comum que distingue homem, cultura e natureza[3], e acaba por colocar tudo em relação, fazendo o espectador ter que suportar a violência associada à beleza da cena, em que corpo e paisagem se fundem em uma coisa só. Nas montagens situadas na cidade, naquelas localizadas no mato, no igarapé coberto de resíduo, no rio borrado pela fumaça, tudo é uno, tudo é político.

A arte de Uýra parece ser a sua forma de proteger a floresta e de clamar por infraestrutura e serviços nas cidades, junto com o direito a múltiplas identidades, inclusive dentro da sua própria diáspora. Uýra revira e emancipa a própria tradição indígena, com respeito à sua ancestralidade, mas também, a coragem de trazer à tona a agenda dos direitos LGBTQIAP+[4].

3 Faço alusão à ecologia marxista e engeliana para quem a história da natureza e a história dos homens não se pode separar, em uma abordagem dialética em que homem e ambiente se afetam reciprocamente, como nos termos explicitados por John Bellamy Foster (2005).

4 Uýra faz parte do movimento as Thêmonias, um coletivo de mais de 200 integrantes que contesta os estereótipos sobre a região, através da construção estética da montação. Veja https://www.artequeacontece.com.br/quem-sao-as-themonias/, acessado em 4/8/2024.

Uma cartografia geopoética da Amazônia

Uýra escolhe estrategicamente os locais de seus ensaios que narram Manaus e a Amazônia cruzando as fronteiras do impronunciável. De ponto a ponto dos seus registros, a artista se desloca traçando linhas e deixando pegadas que difundem mensagens sobre aqueles territórios. Na série *Mil (quase) mortos*, vê-se a clara denúncia do sufocamento dos igarapés que já foram navegáveis, onde a vida deslizava nas águas intraurbanas da Manaus até meados do século passado.

Uýra invoca essa memória, assim como na literatura de Milton Hatoum (1994):

> [...] o passeante solitário que de manhazinha deixava o hotel Fenícia, acordava um catraieiro na beira do mercado, e na canoa os dois remavam até a outra margem do igarapé dos Educandos; depois ele continuava a pé, alcançava o centro da cidade, e eu o seguia pelas ruas estreitas, alinhadas por sobrados em ruínas. (Hatoum, 1994, p. 62)

Parece trazer à memória aquela cidade, denunciando a falta de acesso humano aos rios e o paradoxo do entubamento, tamponamento, aterramento de corpos d'água, poluídos, cheios de dejetos que descem rios abaixo, trazendo resíduos de toda a cidade, mas criminalizando e impactando a vida de quem está a jusante dos rios.

Na série fotográfica aqui enfocada, vê-se pontes e rios que atravessam bairros de uma Manaus popular. No ensaio *Caos*, pulsa a vida na comunidade Cachoeira Grande, desde a ponte sobre o Igarapé do Mindu, objeto de ação governamental, via urbanização e regularização recentes que mal abordam a dimensão ambiental nas obras infraestruturais realizadas. Quantos programas desenvolvidos por governos em Manaus apresentaram nos seus discursos a retórica ambiental, com resultados muito parcos do ponto de vista da ampliação das redes de saneamento e despoluição de rios na cidade (Souza, 2018).

A urbanização de Manaus em muito negou a presença da água naquela cidade que, paradoxalmente, é (quase) só água. Essa é quase a regra nas capitais amazônicas, onde o ideário de "progresso" leva a uma ação governamental que lida mal com o manejo das águas, efluentes e resíduos.

Ainda assim, Manaus permanece deslumbrante, inquietante, instigante. Com o único porto flutuante do Brasil, o patrimônio arquitetônico advindo do ciclo da borracha na região se une a um estoque edilício popular, auto construído nas áreas úmidas da cidade, em assentamentos híbridos compostos de madeira e alvenaria, onde a cultura construtiva se ressignifica, se atualiza e tenta se adaptar à variação hídrica intensa que ocorre naquela porção da Amazônia entre as estações de cheia e seca.

> [...] a visão que predominou na cidade de Manaus foi de traços bem ordenados como uma cidade bucólica, onde todos se conheciam entre os vizinhos, porém, os pobres, os trabalhadores e mendigos quebravam essa "harmonia", pois suas condições de vida eram escondidas. (Oliveira, 2003, p. 123)

Nessa metrópole da Amazônia ocidental, as palafitas têm pernas compridas, como já ilustravam as fotos de Marcel Gautherot nas suas expedições para o norte do país. Nela havia bairros flutuantes atracados à terra e próximos de palafitas fixas, e ainda hoje, se vê moradores colocando redes embaixo das casas para se proteger da entrada de resíduos sólidos no seu pedaço de água. Só em Manaus se vê isso!

Não dá para ignorar a pujança daquela gente, a sua capacidade de se reinventar diante do projeto de um estado que diz querer modernizá-la, inserindo-a em um circuito internacional, via polo turístico industrial, que Uýra reivindica: que seja um polo florestal!

Com seus rastros que transitam entre floresta e cidade, Uýra parece defender outro projeto de região. Como um bicho anfíbio, a artista clama por uma vida diferente na água e na terra, onde a contaminação hídrica e o desmatamento possam ser controlados, a vida de multiespécies possa ser conservada.

Uýra desloca sua calda longa por entre as cidades e matos, deixando essa mensagem, de que a ocupação na região pode e deve ser diferente. Nas suas obras mais recentes, inclusive, tem optado por fazer menos denúncias e frutificar mais imaginários de conservação da vida, que pode ser, inclusive, menos heteronormativa.

Recentemente Uýra tem reflorestado imaginários sobre a região, como nos termos de uma agenda política de fabulações indígenas, com fotoperformances onde o fogo não queima a mata, onde a força da tajá está impressa na sua face humana. Rios, pontes, mata e bichos atravessam suas fotografias, e ela retribui se transfigurando em multiespécies mais que humanas.

Referências

Didi-Huberman, G. (2015).. *O pensar debruçado*. KKYM.

Foster, J. B. (2005). *A Ecologia de Marx***:** *materialismo e natureza*. Civilização Brasileira.

Hatoum, M. (1994). *Relato de um certo oriente*. Companhia das Letras.

Oliveira, J. A. (2003). *Manaus de 1920-1967*: *a cidade doce e dura em excesso*. Valer.

Simões, I. B. S. (2021). *Habitação popular na área central de Manaus: processos de territorialização e de desterritorialização de palafitas e flutuantes*. (Dissertação de mestrado). FAU-USP.

Souza, R. (2018). *Fontes de Urbanização sobre as águas: um panorama das intervenções do PROSAMIM em Manaus*. (Dissertação de mestrado). FAU-USP.